

AS DESIGUALDADES COM BASE NO GÉNERO PERSISTEM EM PORTUGAL**RESUMO DESTE ESTUDO**

Em Portugal, o nível médio de escolaridade das mulheres é superior ao dos homens e está a crescer a um ritmo mais elevado, o que aumenta o fosso, neste campo, entre homens e mulheres.

Assim, em 2005, a percentagem de mulheres, com idade compreendida entre os 20 e 24 anos, com o ensino secundário completo atingia 56,6%, enquanto a percentagem de homens, com mesma idade e com o mesmo nível de ensino, era apenas de 40,4%. Em 2005, o abandono escolar de mulheres, com idade compreendida entre os 18 e 24, atingia 30,1% , mas a dos homens, com a mesma idade, alcançava 46,7%. No ano lectivo 2003/2004, cerca de 65,9% dos diplomados do ensino superior eram mulheres.

Entre 1994 e 2005, a percentagem de mulheres com ensino secundário completo, e com idade compreendida entre os 20 e 24 anos, aumentou 9 pontos percentuais, enquanto em relação aos homens cresceu apenas 5,5 pontos percentuais. Entre 1994 e 2005, o abandono escolar diminuiu nas mulheres 9,1 pontos percentuais, enquanto nos homens baixou apenas 2,7 pontos percentuais. Entre 1996 e 2004, a percentagem que as mulheres representam no total de diplomados das universidades portuguesas aumentou de 63,8% para 65,9%. Entre 1997 e 2004, o número de diplomados homens cresceu apenas em 7.956, pois passou de 15.492 para 23.220, enquanto o das mulheres aumentou em 17.916, pois passou de 27.304 para 45.220. As diferenças são significativas e têm consequências na sociedade e na economia portuguesa.

Apesar quer do nível de escolaridade quer do ritmo de aumento deste ser mais elevado nas mulheres do que nos homens, as mulheres continuam a ocupar na sociedade portuguesa um lugar não correspondente, e a ser objecto de múltiplas desigualdades.

Assim, a nível de profissões, embora em 2005 as mulheres representassem 46,7% de toda a população empregada, com excepção do grupo “Especialistas das profissões intelectuais e científicas” onde são maioritárias porque neste grupo o nível de escolaridade é determinante, nas restantes profissões só têm uma posição dominante nas consideradas de qualificação mais baixa e pior remuneradas, a saber: “Pessoal administrativo” (64,1%); “Pessoal dos serviços e vendedores” (71,6%); “Agricultores e trabalhadores da agricultura e pescas” (50,7%); “Trabalhadores não qualificados”(59,7%). A nível de quadros superiores, em 2005, apenas 36,2% eram mulheres. As mulheres são as mais atingidas quer pelo desemprego quer pela precariedade. Em 2005, a taxa de desemprego oficial nas mulheres era de 9%, enquanto nos homens era de 7%. Entre 2001 e 2005, a percentagem de mulheres em situação de emprego precário aumentou de 22,7% para 33,3%, enquanto a percentagem de homens em idêntica situação subiu de 24,7% para 31,3% do total considerado.

Em 2004, segundo o Eurostat, na Indústria e Serviços a remuneração média das mulheres em Portugal representava 78% da dos homens, mas a remuneração média das mulheres declarada para a Segurança Social, no mesmo ano, representava apenas 74,5% da dos homens. Como consequência, em 2004, o subsídio médio de doença recebido pelas mulheres correspondia apenas a 60,1% do subsídio médio de doença recebido pelos homens; e o subsídio de desemprego médio recebido pelas mulheres correspondia apenas a 73,5% do subsídio médio de desemprego recebido pelos homens.

Também em 2004, que são os últimos dados oficiais disponíveis, a pensão média de invalidez correspondia a 75% da recebida pelos homens; e a pensão média de velhice recebida pelas mulheres correspondia apenas a 60,9% da pensão media recebida pelos homens. Esta desigualdade não se alterou em 2005 e 2006.

As desigualdades continuam a acompanhar as mulheres ao longo de toda a sua vida, incluindo na fase final de vida, em que a pensão média de velhice recebida pelas mulheres, em 2006, deve rondar os 248 euros, portanto um valor inferior ao limiar da pobreza.

É necessário tornar visível e combater as desigualdades que continuam a atingir as mulheres em Portugal, até para que o País possa sair do estado de atraso em que se encontra. E mais numa altura em que o neoliberalismo domina a política do governo, associada a uma globalização capitalista que agrava ainda mais as desigualdades.

Numa altura em que se comemora mais uma vez o 8 de Março, Dia Mundial da Mulher, interessa analisar como tem evoluído a situação da mulher no contexto da sociedade portuguesa. É o que procuraremos fazer neste estudo utilizando os poucos dados oficiais actualizados disponíveis.

O NÚMERO DE TRABALHADORAS POR CONTA DE OUTREM COM O ENSINO SECUNDÁRIO E SUPERIOR É JÁ SUPERIOR AO DOS HOMENS

Como mostram os dados do quadro I, nos trabalhadores por conta de outrem as mulheres já são claramente maioritárias nos grupos de trabalhadores com o ensino secundário e com o ensino superior.

QUADRO I – Trabalhadores por conta de outrem por níveis de ensino

NÍVEIS DE ENSINO	Milhares			% do TOTAL	
	3º Trim. 2004	3º Trim. 2005	Variação 2005-2004	3º Trim. 2004	3º Trim. 2005
NENHUM NÍVEL DE ESCOLARIDADE					
Homens	65,3	51,3	-14,0	1,7%	1,3%
Mulheres	56,7	45,3	-11,4	1,5%	1,2%
BÁSICO- 1º Ciclo					
Homens	522,4	521,5	-0,9	13,8%	13,6%
Mulheres	407,8	397,6	-10,2	10,8%	10,4%
BÁSICO- 2º Ciclo					
Homens	467,4	468,1	0,7	12,4%	12,2%
Mulheres	332,2	319,0	-13,2	8,8%	8,3%
BÁSICO- 3º Ciclo					
Homens	427,0	443,4	16,4	11,3%	11,6%
Mulheres	318,3	328,8	10,5	8,4%	8,6%
SECUNDÁRIO					
Homens	297,9	318,8	20,9	7,9%	8,3%
Mulheres	307,3	337,4	30,1	8,1%	8,8%
SUPERIOR					
Homens	224,0	230,3	6,3	5,9%	6,0%
Mulheres	357,0	370,0	13,0	9,4%	9,7%
TOTAL	3.783,3	3.831,5	48,2	100,0%	100,0%

FONTE: DGEEP - Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social - Novembro 2005

Assim, as mulheres são minoritárias nos níveis de ensino mais baixos (inferiores ao ensino secundário), mas são claramente maioritárias nos grupos com o ensino secundário (Homens: 8,3% do total; Mulheres :8,8%) e superior (Homens :6% do total; Mulheres: 9,7%).

Para além disso, em relação a estes dois níveis de ensino, o crescimento anual das mulheres tem sido superior ao dos homens. Por ex., entre 2004 e 2005, as trabalhadoras por conta de outrem com o ensino secundário aumentaram em 30,1 mil, enquanto o número de homens, como o mesmo nível de escolaridade, cresceu somente em 20,9 mil. Em relação ao ensino superior, entre 2004 e 2005, o ritmo de aumento de mulheres por conta de outrem (13 mil) foi praticamente o dobro do dos homens (6,3 mil).

Desta forma, o fosso a nível de escolaridade entre homens e mulheres está a aumentar em Portugal. Mas não apenas por esta razão como se mostra seguidamente.

A BAIXA ESCOLARIDADE TENDE A PERPETUAR-SE MAIS NOS HOMENS DO QUE NAS MULHERES

Um dos problemas estruturais mais graves que o País enfrenta neste momento é o baixo nível de escolaridade da população empregada portuguesa.

No 4º Trimestre de 2005, segundo o INE, cerca de 72% da população empregada portuguesa tinha o ensino básico ou menos quando a média na União Europeia, já em 2002, era de 35,4%, ou seja, menos de metade do que se verificava em Portugal em 2005. Na mesma data, a população empregada em Portugal com o ensino secundário representava apenas 14,6% da população total empregada, quando a média na União Europeia era de 42,9% (2,9 vezes mais do que em

Portugal), e a com o ensino superior era somente 12,4% da população empregada quando a média na União Europeia era, já em 2002, de 21,8% (1,7 vezes mais).

O baixo nível de escolaridade da população empregada portuguesa constitui uma das causas mais importantes do atraso do País e será muito difícil, para não dizer mesmo impossível, aproximarmo-nos de uma forma sustentada dos países mais desenvolvidos da União Europeia sem antes resolver este grave problema nacional.

O ensino secundário é aquele nível de ensino que se considera necessário que a maioria da população possua para que possa haver um desenvolvimento rápido e sustentado. Observem-se os dados oficiais constantes do quadro seguinte.

QUADRO II– Percentagem de jovens com idade compreendida entre os 20 e 24 anos que atingiram um nível de ensino ou formação secundária

ANOS	PORTUGAL (PT)			UNIÃO EUROPEIA 15 (UE15)			DIFERENÇA (Pontos percentuais) PORTUGAL- UE15	
	% H	% M	H-M	% H	% M	H-M	H (PT-U.E.)	M (PT-U.E.)
1994	34,9%	47,6%	-12,7%					
1995	38,3%	52,0%	-13,7%	67,1%	71,2%	-4,1%	-28,8	-19,2
1996	39,9%	52,7%	-12,8%	66,0%	70,2%	-4,2%	-26,1	-17,5
1997	40,4%	53,9%	-13,5%	67,2%	71,9%	-4,7%	-26,8	-18,0
1998	33,8%	44,8%	-11,0%					
1999	33,6%	46,7%	-13,1%	69,6%	75,0%	-5,4%	-36,0	-28,3
2000	34,0%	51,6%	-17,6%	70,4%	76,5%	-6,1%	-36,4	-24,9
2001	34,8%	52,3%	-17,5%	70,2%	76,3%	-6,1%	-35,4	-24,0
2002	35,9%	52,6%	-16,7%	70,7%	76,7%	-6,0%	-34,8	-24,1
2003	40,7%	54,7%	-14,0%	70,9%	76,2%	-5,3%	-30,2	-21,5
2004	39,4%	58,8%	-19,4%	70,6%	76,9%	-6,3%	-31,2	-18,1
2005	40,4%	56,6%	-16,2%	71,6%	77,5%	-5,9%	-31,2	-20,9

FONTE: Eurostat

Em 1994, apenas 34,9% dos homens com idade compreendida entre os 20 e 24 anos tinha o ensino secundário completo e, em 2005, essa percentagem tinha aumentado para 40,4%, portanto em 12 anos subiu apenas 5,5 pontos percentuais.

Por outro lado, em 1994, a percentagem de mulheres com idade entre os 20 e 24 anos que tinha o secundário completo atingia 47,6% da população feminina (mais 12,7 pontos percentuais do que a dos homens) e, em 2005, a percentagem de mulheres com esse nível de ensino tinha aumentado para 56,6%, portanto mais nove pontos percentuais (a diferença neste ano, entre homens e mulheres, aumentou para 16,2 pontos percentuais quando, em 1994, era de 12,7 pontos).

Os dados do quadro anterior também revelam um outro problema grave, que é o aumento da divergência de Portugal em relação à média da União Europeia, neste campo fundamental.

Assim, em 1995, a percentagem de população masculina com idade compreendida entre os 20 e 24 anos com o ensino secundário completo era, em Portugal, 28,8 pontos inferior à média da União Europeia e, em 2005, essa diferença tinha aumentado para 31,2 pontos percentuais; em relação à população feminina com a mesma idade, em 1995, a diferença, entre Portugal e a União Europeia, era de menos 19,2 pontos percentuais em 1995 e, em 2005, de 20,9 pontos percentuais; portanto, a divergência de Portugal em relação à média da União Europeia aumentou em 10 anos (1995/2005), em relação à população masculina, em 2,4 pontos percentuais (passou de 28,8 para 31,2) e, em relação à população feminina, em 1,7 pontos percentuais (passou de 19,2 para 20,9) como mostram os dados do quadro I.

Em 2005, a percentagem da população masculina com o ensino secundário completo representava apenas 40,4% da população total com idade compreendida entre os 20 e 24 anos e, relativamente às mulheres, essa percentagem era de 56,6%. Estes valores significam que uma parte importante da população continua a não ter o secundário completo, o que determina que a baixa escolaridade tende-se assim a perpetuar em Portugal.

O ABANDONO ESCOLAR É MAIS ELEVADO NOS HOMENS DO QUE NAS MULHERES

Outro dado importante que reforça a conclusão anterior é o elevado abandono escolar que continua a verificar-se em Portugal, o mais elevado em toda a União Europeia, que no entanto é muito maior nos homens do que nas mulheres com mostram os dados do quadro III

QUADRO III – Evolução do abandono escolar em Portugal por sexos da população com idade entre os 18 e 24 anos : 1994 - 2005

ANOS	% de Homens	% de Mulheres	Diferença H-M (Pontos percentuais)
1994	49,4%	39,2%	10,2
1995	47,1%	35,5%	11,6
1996	45,6%	34,4%	11,2
1997	46,8%	34,4%	12,4
1998	52,0%	41,2%	10,8
1999	50,8%	38,9%	11,9
2000	50,1%	35,1%	15,0
2001	51,2%	36,7%	14,5
2002	52,6%	37,5%	15,1
2003	47,7%	33,0%	14,7
2004	47,9%	30,6%	17,3
2005	46,7%	30,1%	16,6

FONTE: Eurostat

Em 1994, o abandono escolar prematuro entre os jovens com idades entre os 18 e os 24 anos atingia, nos homens, 49,4% e, nas mulheres, 39,2% da população feminina, portanto o abandono escolar masculino era superior ao feminino em 10,2 pontos percentuais.

Em 2005, o abandono escolar masculino tinha baixado para 46,7% (apenas menos 2,7 pontos percentuais do que em 1994), enquanto o abandono escolar feminino tinha descido para 30,1% (menos 9,1 pontos percentuais do que o de 1994), o que determinou que, em 2005, o abandono escolar das mulheres fosse inferior aos dos homens em 16,6 pontos percentuais quando, em 1994, essa diferença era de 10,2 pontos percentuais.

Em Portugal, como a situação é mais grave em relação aos homens do que relativamente às mulheres, a baixa escolaridade tende-se a perpetuar fundamentalmente a nível dos homens.

Portugal continua também a divergir neste campo da média da União Europeia. Em 2005, o abandono escolar atingia, em média, nos 25 países da União Europeia 12,7% da população feminina com idades entre os 18 e 24 anos e 17,1 % dos homens com estas idades, quando em Portugal era, respectivamente, 30,1% e 46,7%.

A PERCENTAGEM DE MULHERES LICENCIADAS É SUPERIOR À DOS HOMENS E CONTINUA A AUMENTAR

O número de mulheres licenciadas tem sido sempre superior ao dos homens como revelam os dados do quadro IV.

QUADRO IV .- Evolução dos diplomados do ensino superior entre 1993 e 1997

ANOS	TOTAL de diplomados	MULHERES diplomadas	% Mulheres em relação ao TOTAL
1996 – 1997	42 796	27 304	63,8%
1995 – 1996	39 116	25 125	64,2%
1994 – 1995	36 410	22 916	62,9%
1993 -1994	33 913	21 379	63,0%

FONTE: Anuário Estatístico - 2002 – INE

Embora em todos os anos considerados (1993 -1997) a percentagem de mulheres diplomadas tenha sido sempre superior à dos homens, no entanto o crescimento foi lento (em quatro anos, aumentou 0,8 pontos percentuais). Nos últimos anos esse ritmo de crescimento aumentou como revelam os dados do quadro V.

QUADRO V – Diplomados do Ensino Superior total e por áreas

AREAS CIENTIFICAS	2003/2004							
	PUBLICO		PRIVADO		TOTAL		TOTAL	% de
	H	M	H	M	H	M	H+M	Mulheres
Formação Prof. Ciências de Educação	1.185	6.334	487	4.160	1.672	10.494	12.166	86,3%
Artes	817	1.256	431	622	1.248	1.878	3.126	60,1%
Letras	524	1.747	251	389	775	2.136	2.911	73,4%
Ciências Sociais e do Comportamentais.	1.006	1.919	464	1.490	1.470	3.409	4.879	69,9%
Jornalismo	196	697	219	423	415	1.120	1.535	73,0%
Direito	363	822	529	766	892	1.588	2.480	64,0%
Serviços Sociais	54	513	90	1.106	144	1.619	1.763	91,8%
Serviços Pessoais	644	951	360	500	1.004	1.451	2.455	59,1%
Serviços de transportes	59	20			59	20	79	25,3%
Serviços de Segurança	262	68	13	12	275	80	355	22,5%
Comercio Administração	2.270	4.356	1.863	2.281	4.133	6.637	10.770	61,6%
Ciências Físicas	536	752	2	3	538	755	1.293	58,4%
Matemática e Estatística	241	406	41	170	282	576	858	67,1%
Computação	455	226	372	138	827	364	1.191	30,6%
Engenharia	3.641	1.114	284	109	3.925	1.223	5.148	23,8%
Ind. Transformação	269	553	30	69	299	622	921	67,5%
Arquitectura e Construção.	1.566	946	574	403	2.140	1.349	3.489	38,7%
Agricultura, Silv. Pescas	420	670	3	7	423	677	1.100	61,5%
Veterinária	95	136			95	136	231	58,9%
Protecção do ambiente	247	592	38	61	285	653	938	69,6%
Ciências da Vida	309	671	28	92	337	763	1.100	69,4%
Saúde	1.582	5.364	628	2.306	2.210	7.670	9.880	77,6%
TOTAL	16.741	30.113	6.707	15.107	23.448	45.220	68.668	65,9%

FONTE: Anuário Estatístico de Portugal - 2004 – INE – Edição 2005

No ano lectivo 2003/2004, 65,9% dos licenciados do ensino superior eram mulheres. Em quase todas as áreas científicas, com excepção apenas dos “Serviços de Transportes”, dos “Serviços de Segurança”, da “Computação”, da “Engenharia” e da “Arquitectura e Construção”, onde eram ainda minoritárias, em todas as restantes áreas as mulheres são já claramente maioritárias.

Se se comparar o número de diplomados por género que saíram das Universidades Portuguesa em 1997 e em 2004, que constam dos quadros anteriores, conclui-se que o dos homens cresceu apenas em 7.956, pois passou de 15.492 para 23.220, enquanto o das mulheres aumentou em 17.916, pois passou de 27.304 para 45.220, portanto mais do dobro do aumento de homens.

A MAIORIA DAS MULHERES CONTINUA A OCUPAR AS PROFISSÕES MENOS QUALIFICADAS E MAIS MAL PAGAS

Apesar do aumento do nível de escolaridade das mulheres ser muito mais rápido do que o dos homens e, em muitas áreas do saber, terem uma posição dominante (maior percentagem de mulheres com o ensino secundário completo, abandono escolar inferior ao dos homens, percentagem anual de mulheres diplomadas sempre superior ao dos homens e a diferença a aumentar), as mulheres continuam a ocupar na sociedade um lugar não correspondente. Os dados oficiais constantes do quadro VI confirmam isso.

QUADRO VI – Repartição da população empregada por profissões e por sexo

PROFISSÃO	TOTAL FIM DE CADA TRIMESTRE				TOTAL		MULHERES	
	4º Trimestre-2001		4º Trimestre-2005		4ºT2001	4ºT2005	4º Trim. 2001	4º Trim. 2005
	H	M	H	M				
	MILHARES				MILHARES		% DO TOTAL	
Quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresa	249,1	111,3	290,3	145,4	360,4	401,6	30,9%	36,2%
Especialistas das profissões Intelectuais e científicas	151,8	211,3	191,4	258,0	363,1	402,7	58,2%	64,1%
Técnicos e profissionais de nível intermédio	216,2	156,6	243,9	195,3	372,8	400,5	42,0%	48,8%
Pessoal administrativo e similares	184,0	308,8	183,1	315,1	492,8	491,9	62,7%	64,1%
Pes. dos serviços e vendedores	248,5	461,4	231,7	496,2	709,9	693,1	65,0%	71,6%
Agricultores e trabalhadores qualif. da agricultura e pescas	291,9	288,7	275,7	282,9	580,6	564,4	49,7%	50,1%
Operários, artífices e trabalhadores Similares	829,9	263,9	774,4	214,5	1.093,8	1.038,3	24,1%	20,7%
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores da Montagem	334,4	92,0	335,3	75,3	426,4	427,3	21,6%	17,6%
Trabalhadores não qualificados	269,4	416,9	216,7	378,2	686,3	633,6	60,7%	59,7%
Forças Armadas								
TOTAL	2.775,2	2.310,9	2.742,5	2.360,9	5.086,1	5.053,4	45,4%	46,7%

FONTE: Estatísticas do Emprego : 2º Trimestre de 2002 e 4º Trimestre de 2005 – INE

A percentagem de mulheres na população empregada aumentou, entre 2001 e 2004, de 45,4% para 46,7%.

No entanto, com excepção do grupo “Especialistas das profissões intelectuais e científicas” onde são já claramente maioritárias e o seu peso aumentou 5,9 pontos percentuais entre 2001 e 2005 pois passou de 58,2% para 64,1% deste grupo, até porque para o acesso a ele o nível de escolaridade é condicionador, nos restantes grupos profissionais as mulheres são maioritárias nos que podemos considerar de menor responsabilidade, qualificação e remuneração, a saber: “Pessoal administrativo” (64,1%); “Pessoal dos serviços e vendedores” (71,6%); “Agricultores e trabalhadores da agricultura e pescas” (50,7%); “Trabalhadores não qualificados”(59,7%). Pelo contrário no grupo “Quadros superiores das empresas e da Administração Pública, as mulheres representam apenas 36,2% do total.

Os dados do quadro VI também mostram que foram os grupos menos qualificados em que as mulheres constituem a maioria os mais afectados pela destruição de emprego. Assim, entre 2001 e 2005, a população empregada diminuiu de 5.086,1 mil para 5.053,4 mil, portanto sofreu uma redução de 32,7 mil postos de trabalho. No entanto, o número de mulheres do grupo “Trabalhadores não qualificados” que perderam o emprego atingiu 38,7 mil., portanto mais do que a diminuição verificada em toda a população empregada.

O DESEMPREGO ESTÁ A ATINGIR MUITO MAIS AS MULHERES DO QUE OS HOMENS

Os dados do INE sobre o desemprego oficial mostram que, entre 2001 e 2005, a taxa de aumento do desemprego das mulheres foi superior ao dos homens, o que está a determinar que a percentagem das mulheres no desemprego total está a aumentar, agravando a desigualdade também neste campo. O quadro VII mostra a evolução verificada.

QUADRO VII – O desemprego dos Homens e das Mulheres em Portugal

DESIGNAÇÃO	4º TRIMESTRE		Variação
	2001	2005	2005-01
POPULAÇÃO DESEMPREGADA			Milhares
Homens - Mil	99,0	208,9	+ 109,9
Mulheres - Mil	122,8	238,4	+ 115,6
TOTAL - Mil	221,8	447,3	+ 225,5
% Mulheres/ TOTAL	55,4%	53,3%	
TAXA DE DESEMPREGO			Pontos percentuais
Homens	3,4%	7,0%	+ 3,6
Mulheres	5,0%	9,2%	+ 4,2
TOTAL	4,2%	8,0%	+ 3,8
MULHERES - HOMENS	1,6	2,2	

FONTE: Estatísticas do Emprego : 2º Trim2002 e 4ºTrim2005 – INE

Entre 2001 e 2005, o desemprego oficial aumentou em 225,5 mil, mas o desemprego de mulheres cresceu 115,6 mil e o dos homens em 109,9 mil. Como consequência a taxa de desemprego oficial das mulheres atingiu, no 4º Trimestre de 2005, 9,2%, quando a de homens foi 7%. Entre 2001 e 2005, a taxa de desemprego dos homens aumentou 3,6 pontos percentuais, enquanto a das mulheres cresceu 4,2 pontos percentuais. A desigualdade é evidente também neste campo.

AS MULHERES SÃO MAIS ATINGIDAS PELA PRECARIIDADE DO QUE OS HOMENS

Não é só desemprego que está a atingir os trabalhadores. A precariedade e o desemprego sem qualidade e mal pago está a alastrar na sociedade portuguesa sem que o governo faça alguma coisa para o combater. Basta dizer que se fossem cumpridos os rácios vigentes na União Europeia, a Inspeção Geral do Trabalho devia ter 700 inspectores, no entanto o seu quadro de pessoal só permite 500, e destes estão apenas preenchidos 300. É evidente que com este numero insuficiente de inspectores de trabalho, as leis são sistematicamente violadas pelas entidades patronais não sofrendo, a maioria delas, qualquer punição.

A precariedade está a aumentar impunemente na sociedade portuguesa atingindo fundamentalmente as mulheres como mostram os dados oficiais do quadro VIII

QUADRO VIII – O aumento da precariedade em Portugal entre 2001 e 2005

PROFISSÃO	TOTAL FIM DO TRIMESTRE				TOTAL		MULHERES	
	4º Trim.-2001		4º Trim.-2005		4ºT2001	4ºT2001	4º Trim.	4º Trim.
	H	M	H	M			2001	2005
	MILHARES				MILHARES		% DO TOTAL	
Contratos sem prazo – Mil	1.617	1.321	1.658	1.437	2.938	3.096	77,3%	66,7%
Contratos a prazo – Mil	282	311	288	294	593	582	18,2%	13,6%
Trabalhadores por conta própria - Mil	249	77	476	423	326	899	4,5%	19,6%
TOTAL – Milhares	2.149	1.708	2.423	2.154	3.857	4.577	100,0%	100,0%
PRECÁRIOS (Contratos a prazo + Independentes) - Milhares	532	388	765	717	919	1.481	22,7%	33,3%
% Precários / TOTAL	24,7%	22,7%	31,6%	33,3%	23,8%	32,4%		

FONTE: Estatísticas do Emprego : 2º Trimestre de 2002 e 4º Trimestre de 2005 – INE

O número de trabalhadores precários, ou seja, com os contratos a prazo mais os “Trabalhadores por conta própria” (os chamados “recibos verde”) aumentou, entre 2001 e 2005, em 561,7 mil pois passou de 919,3 mil para 1.481 mil. Entre 2001 e 2005, a percentagem de trabalho precário em Portugal aumentou de 23,8% para 32,4% do emprego total considerado no quadro VII.

Se a análise for feita por género, conclui-se que o crescimento da precariedade está atingir fundamentalmente as mulheres. Assim, entre 2001 e 2005, o número de mulheres com emprego precário aumentou em 328,8 mil, pois passou de 388 mil para 717 mil (+ 84,8%) , enquanto o número de homens em idêntica situação de precariedade cresceu em 232,9 mil, pois passou de 532 mil para 765 mil (+ 43,8%). Como consequência, o emprego precário de mulheres no emprego total de mulheres (inclui as trabalhadoras em situação de precariedade mais as trabalhadoras com contrato por tempo indeterminado) aumentou, entre 2001 e 2005, de 22,7% para, 33,3%, enquanto a percentagem total de precários - H+M - no emprego total considerado cresceu de 23,8% para 32,4%, portanto a precariedade nas mulheres já ultrapassou a total..

AS REMUNERAÇÕES, OS SUBSÍDIOS DE DOENÇA E DE DESEMPREGO MÉDIOS DAS MULHERES SÃO INFERIORES AOS DOS HOMENS

Os dados do quadro IX, que são dados publicados pelo Eurostat, mostram como as remunerações dos homens e das mulheres na Indústria e Serviços evoluíram em Portugal nos últimos anos.

QUADRO IX – Remuneração média anual dos Homens e Mulheres em Portugal

ANOS	PORTUGAL – Indústria e Serviços			
	REMUNERAÇÕES -Euros		Diferença (H-M) Euros	Percentagem Mulher/Homem
	Homem	Mulher		
2000	14.126,4	9.981,9	4.144,5	70,7%
2001	14.922,0	10.555,0	4.367,0	70,7%
2002	14.537,0	11.366,4	3.170,6	78,2%
2003	15.395,8	11.978,8	3.417,0	77,8%
2004	16.595,3	12.942,6	3.652,7	78,0%

FONTE: Eurostat

Segundo o Eurostat, entre 2000 e 2002, na Indústria e Serviços, a percentagem que a remuneração média da mulher representava em relação à do homem aumentou de 70,7% para 78,2%; a partir de 2002, essa percentagem diminuiu representando, em 2004, 78% da remuneração média do homem. Em 2004, a remuneração média europeia na Indústria e Serviços era, a dos homens, 37.236 euros e, a das mulheres, 28.667 euros, o que significava que a remuneração média em Portugal representava apenas 41% da média da União Europeia

No entanto, estes dados do Eurostat ocultam desigualdades que são reveladas por dados publicados pela Segurança Social. Assim, tomando como base os salários declarados à Segurança Social para efeitos de descontos a situação já é muito mais grave como mostram os dados do quadro X.

QUADRO X – Remuneração média mensal do Homem e da Mulher em Portugal calculada com base nas declarações de remunerações para a Segurança Social

SEXO	Nº pessoas singulares que declararam remunerações no 1º semestre de 2005	Valor remunerações declaradas 1º semestre de 2005 Mil euros	Remuneração Média Mensal Euros	% Mulher/Homem
Homens	1.924.773	9.546.631	827	
Mulheres	1.487.282	5.493.546	616	74,5%
TOTAL	3.412.055	15.040.177	735	

FONTE: Estatísticas da Segurança Social - Dezembro de 2005

De acordo com os salários declarados à Segurança Social, em 2005, as remunerações são muito mais baixas do que as divulgadas para 2004, e a das mulheres representa em média apenas 74,5% da remuneração média dos homens no mesmo ano.

Estas baixas remunerações declaradas determinam que tanto os valores dos subsídios de doença como os de desemprego recebidos pelas mulheres sejam significativamente inferiores aos recebidos pelos homens como mostram os dados dos dois quadros seguintes.

QUADRO XI – Subsídio de doença recebido pelos Homens e Mulheres em Portugal

ANOS	SUBSIDIO MÉDIO DOENÇA MÊS -Euros		% Subsídio Mulher / Homem
	Homem	Mulher	
2000	344,44	209,70	60,9%
2001	341,77	207,66	60,8%
2002	311,60	194,37	62,4%
2003	375,86	239,32	63,7%
2004	787,98	473,89	60,1%

FONTE: Anuário Estatístico de Portugal - 2004 – INE

Em 2004, o valor médio do subsídio de doença recebido pelas mulheres correspondia apenas a 60,1% do dos homens, e a situação agravou –se entre 2003 e 2004. Sabendo que o subsídio de doença corresponde, em média, a 65% da remuneração declarada, aqueles valores de subsídio correspondem, em 2004, a uma remuneração média de 1.212 euros para o homem e de apenas 729 euros para a mulher (a remuneração média da mulher corresponderia apenas a 60,1% da do

homem portanto uma percentagem bastante inferior à do Eurostat, que era de 78%). A mesma desigualdade se verifica a nível do subsídio de desemprego embora seja menos acentuada como mostram os dados oficiais do quadro XII

QUADRO XII- Valor do subsídio de desemprego recebido pelos Homens e Mulheres

ANOS	Valor médio subsidio desemprego Valor anual em Euros			% Mulher/ Homem
	HM	Homem	Mulher	
2000	2.461	2.981	2.075	69,6%
2001	2.625	3.202	2.224	69,5%
2002	2.888	3.509	2.461	70,1%
2003	2.991	3.541	2.582	72,9%
2004	2.994	3.522	2.587	73,5%

FONTE: Anuário Estatístico de Portugal - 2004 – INE

A desigualdade entre homens e mulheres é visível a nível do subsidio de desemprego, o que reflecte, por um lado, a precariedade que atinge mais as mulheres e, por outro lado, também os salários mais baixos recebidos pela maioria das mulheres portuguesas.

A VELHICE E A INVALIDEZ É TAMBÉM DESIGUAL

A pobreza atinge mais as mulheres do que os homens pois as pensões que recebem são, em média, muito inferiores às dos homens como mostram os dados do quadro XIII.

QUADRO XIII – Pensão média dos Homens e das Mulheres em 2004

DESIGNAÇÃO	1º semestre 2004 - Em euros		
	Pensão média mensal		% Mulher/Homem
	Homem	Mulher	
Invalidez	310,20	233,50	75,3%
Velhice	384,28	234,10	60,9%
Sobrevivência	117,45	166,23	141,5%

Fonte: Estatísticas da Segurança Social - Dez.2004

As pensões médias tanto dos homens como das mulheres são muito baixas. No entanto a pensão média das mulheres, que constituem a esmagadora maioria dos pensionistas (53% na invalidez, 54% na velhice e 81,7% na sobrevivência) é ainda inferior à recebida pelos homens.

Assim, o valor da pensão média de invalidez das mulheres correspondia a cerca de 75,3% da recebida pelos homens, e o valor da pensão média de velhice recebida pelas mulheres correspondia apenas a 60,9% da dos homens. Apenas a pensão de sobrevivência das mulheres era superior à dos homens. E isto porque ela corresponde, em média, a cerca de 60% da pensão do conjugue falecido, que neste caso é o homem, o que confirma também que a pensão média dos homens é significativamente superior à pensão média das mulheres. E é de prever que esta desigualdade não se tenha alterado nem em 2005 nem em 2006, até se tenha agravado porque, em primeiro lugar, os aumentos das pensões foram iguais para ambos os sexos e, por outro lado, em relação aos novos pensionistas a desigualdade persiste até devido ao facto de existirem diferenças significativas nas remunerações declaradas e, como se sabe, as pensões são calculadas com base nas remunerações declaradas à Segurança Social.

Com valores de pensões desta natureza (em 2006, estima-se que a pensão média de velhice recebida por cerca de 900.000 mulheres ronde os 248 euros por mês, um valor inferior ao limiar de pobreza). A desigualdade continua a atingir também as mulheres na última fase da sua vida.

Como consequência do neoliberalismo reinante em Portugal, associado a uma globalização capitalista, corre-se o risco de um aumento ainda maior das desigualdades. Torná-las visíveis, como procuramos fazer em relação a algumas neste estudo, associada uma exigência de medidas para as combater torna-se cada vez mais um imperativo nacional.

Eugénio Rosa

Economista, 4.3.2006, edr@mail.telepac.pt ,